

CARTAS E MEMÓRIAS EM OBRAS DE ZÉLIA GATTAI

Érica Fernandes Costa Duarte*
Nícea Helena de Almeida Nogueira**

RESUMO: Zélia Gattai, destacada autora brasileira, teve sua vida entrelaçada por cartas. Nascida em São Paulo em 1916, mudou-se de estado, mudou-se de país, permanecendo por anos no exterior e, ao voltar, jamais retornou a seu local de nascimento, onde ainda residia a maioria de seus familiares. Foram justamente as cartas que “encurtaram” tamanha distância. O presente trabalho tem por objetivo analisar as cartas citadas pela autora em suas obras memorialísticas, com a finalidade de promover um diálogo entre correspondências recebidas e a biografia de Zélia.

Palavras-chave: Zélia Gattai. Carta. Memória.

Introdução

Desde a pré-história, as pessoas vêm buscando formas de se comunicar, de transmitir mensagens, de se fazerem entender. Com a invenção da escrita, a carta passou a ser o principal veículo de comunicação, permanecendo, assim por séculos. Porém, sofreu modificações em suas características, funções, e, principalmente, análises. A carta foi, aos poucos, deixando de ser um simples veículo de informação e passou a ser vista como um espaço privilegiado de informação, o que possibilita discussões em várias esferas: “Em torno de cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto), orbita uma constelação de assuntos, significados e indagações” (MORAES, 2008, p. 8).

Assim, a história nos mostra o quanto o gênero epistolar foi importante meio de comunicação outrora e como se mostra hoje importante fonte de pesquisa. Dentro do conjunto denominado discurso autorreferencial, a análise de missivas representa, na atualidade, relevante fonte de estudo, pois as cartas podem trazer em seus relatos material historiográfico, carregado de sentidos, revelações e desnudamentos. De acordo com Ângela de Castro Gomes (2004, p. 19), “a correspondência constitui, [...], o sujeito e seu texto e, também, um pedaço de sua história, social e privada”.

O caráter híbrido que a análise de missivas foi assumindo ao longo dos tempos possibilita olhares múltiplos e abordagens diversas. Dentro do universo da literatura e da historiografia brasileiras, a carta vem abrindo novas frentes de trabalho e análise, já que permite, ao mesmo tempo que provoca, problematizações acerca de determinado autor ou assunto.

Zélia Gattai, destacada autora brasileira, teve sua vida entrelaçada por cartas. Nascida em São Paulo em 1916, mudou-se de estado, mudou-se de país, permanecendo por anos no exterior e, ao voltar, jamais retornou a seu local de nascimento, onde ainda residia a maioria de seus familiares. Foram justamente as cartas que “encurtaram” tamanha distância. O presente trabalho se debruça sobre cartas citadas pela autora em suas obras memorialísticas, promovendo um diálogo entre correspondências recebidas e a biografia de Zélia.

* Pós-doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Professora da Associação Educacional Dom Bosco- AEDB. Doutora em Literatura Comparada pela UERJ (RJ) e Mestre em Literatura Brasileira pelo CES-JF (MG). Esta pesquisa é resultado do Estágio Pós-Doutoral realizado no PPG Letras: Estudos Literários, da UFJF, no período de 2020-2021. E-mail: erica.fcduarte@yahoo.com

** Professora Associada da Faculdade de Letras, da UFJF, MG. Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pela UNESP - São José do Rio Preto, SP. Pós-doutora em Memória e Acervos pela Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ) e Pós-doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Supervisora desta pesquisa no Estágio Pós-Doutoral realizado na UFJF, no período de 2020-2021. E-mail: nicea.nogueira@ufjf.br

Cartas e memórias

O casal Ernesto e Angelina, imigrantes italianos, além de Zélia Gattai, a caçula, tiveram mais quatro filhos: Remo, Wanda, Vera e Tito. Um mês antes do nascimento da escritora, a família contratou uma jovem, Maria Negra, para ser pajem da bebê, que foi a única filha do casal a ter uma babá. Maria Negra, que na verdade se chamava Maria da Conceição, rapidamente se integrou à família. Quase uma menina, era dona de grande personalidade e foi ela a responsável pela escolha do nome “Zélia” para batizar o bebê que estava a caminho. Já pressentindo que carregava uma filha, a mãe, Angelina, queria chamá-la de Dora, já o pai queria dar à filha o nome de Pia, até que Maria Negra sugeriu Zélia, que, segundo ela, era o nome mais lindo que conhecia. Cheia de ternura, Maria Negra contou aos patrões que antes daquele emprego, cuidava de uma menina chamada Zélia. O carinho demonstrado foi tanto, que Angelina também passou a achar Zélia um nome perfeito e decidiu-se por ele. Essa memória sobre a origem do nome da autora aparece contada em *Anarquistas graças a Deus* (2009), sua primeira publicação.

Zélia Gattai cresceu envolvida em movimentos operários influenciados por ideias socialistas e anarquistas. Ainda menina, cantava de cor o hino da Internacional Comunista e vendia jornais anarquistas nos eventos político-operários que frequentava com os pais. Em 1938, seu pai, Ernesto Gattai, foi preso pela Polícia Política e Social de São Paulo, durante o Estado Novo, a ditadura do então presidente Getúlio Vargas. Morreu, aos 54 anos, acometido por uma febre tifoide adquirida na cadeia.

Tempos depois, em um grupo do movimento anarquista do qual faziam parte Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, Zélia Gattai conheceu o seu primeiro marido, Aldo Veiga, e casou-se pela primeira vez em 15 de junho de 1936, aos 20 anos. Dessa união nasceu Luiz Carlos, seu filho primogênito:

A figura de Prestes comovia e empolgava milhares de brasileiros que viam nele o símbolo de resistência ao nazismo e à ditadura. Ao nascer meu filho, em agosto de 1942, seu nome já estava escolhido: Luiz Carlos. Não encontrei outro melhor para lhe dar. Centenas de crianças foram registradas com o nome de Luiz Carlos naqueles anos de guerra, de medo, de lutas e de esperança, em homenagem ao prisioneiro da ditadura, isolado do mundo, incomunicável num cárcere. (GATTAI, 2010a, p. 29).

O casamento, iniciado em 1936, acabou após oito anos; Zélia tornou-se uma mulher separada, sujeita a preconceitos e rejeição, numa época em que ainda se acreditava na indissolubilidade matrimonial. Valia o ditado “ruim com ele pior sem ele”: o casamento era sagrado e as mulheres separadas eram vistas como má influência para as outras. Mesmo assim, Zélia optou por seguir sozinha.

Tempos depois, em 1945, Jorge Amado e Zélia Gattai são formalmente apresentados, durante o Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, em São Paulo. Zélia já o conhecia e o admirava, havia se apaixonado pela escrita de Jorge em meados de 1933, depois da leitura de *Cacau*, emprestado pelo amigo de longa data Oreste Ristori. Depois desse primeiro livro, ela conseguiu comprar, de forma clandestina, *Mar morto*, *ABC de Castro Alves* e *Capitães da areia*, este último considerado pelo governo vigente o mais subversivo da coleção. Esses se juntariam, mais tarde, a outras obras publicadas alguns anos antes, como *O país do carnaval*, *Suor*, e *Jubiabá*, que ocuparam lugar especial na estante da jovem anarquista.

A militância política e o espírito livre uniram rapidamente o casal. A fama de mulherengo de Jorge e a traumática separação de Zélia assustaram um pouco os amigos comuns do novo casal. Conforme consta na sua obra *Senhora dona do baile* (2009c, p. 18): “Arredia, saída de um primeiro casamento malsucedido, com um filho de três anos, eu não ousava nem

dava ousadia. Além do mais, a fama de Jorge, de *Don Juan* para baixo – ou para cima? – me assustava um pouco”.

Superadas as dificuldades e receios iniciais, com pouco tempo de namoro, o escritor convidou Zélia para morarem juntos. Apesar do descrédito de alguns amigos, que acreditavam que a relação não duraria, e da preocupação da sua mãe, Zélia aceitou viver com Jorge Amado. D. Angelina achava que a filha não era a mulher certa para o escritor, já que era intelectualmente despreparada. Zélia Gattai, até aquele momento, realmente tinha tido pouquíssimo acesso à escola, só havia frequentado a escola regular por quatro anos. Na infância e juventude, seus pais acreditavam que muito mais importante que ser uma mulher estudada era ser uma mulher preparada para assumir casa e marido, como viria a acontecer com a escritora, ao se casar, conforme já mencionado, aos 20 anos. Além disso, nenhum dos irmãos da escritora tinha estudado mais que quatro anos e os pais achavam que não seria justo com os outros somente ela ter essa oportunidade. Uma passagem publicada em *Um chapéu para viagem* (2010) ilustra o receio de D. Angelina frente ao pedido de casamento feito pelo escritor famoso:

- Estou aqui dona Angelina, para pedir a mão de sua filha em casamento. A senhora acha que eu mereço Zélia? – Merece até demais – respondeu ela na sua simplicidade – quem, não merece o senhor é ela. Quer dizer, ela não está preparada... Para ser mulher de um escritor tão importante é preciso ter muito estudo... O senhor sabe – mamãe começava a desculpar-se – não, pudemos, não tivemos condições de dar estudos superiores aos nossos cinco filhos.... – Não sou preparada, é verdade, mãe, mas não se preocupe, vou me preparar, vou amar esse rapaz até o fim de minha vida, vou fazer tudo para que ele seja feliz e me ame sempre... Senti que Jorge se emocionara com as minhas palavras e tratou de dar um tom brincalhão ao discurso solene: - Ela até já se formou em datilografia, dona Angelina, a senhora sabia? Tem diploma e escreve com os dez dedos. Vai me ajudar muito... Mamãe não disse mais nada, não adiantava [...]. (GATTAI, 2010a, p. 22).

No ano seguinte, em 1946, com o fim da era ditatorial de Getúlio Vargas, Jorge Amado elegeu-se deputado federal. Para que ele assumisse o cargo, o casal mudou-se para o Rio de Janeiro. A partir daí, as cartas passaram a ser constantes na vida da autora. Silviano Santiago expõe em *Ora (direis) puxar conversa!* (2006, p. 194) que a possibilidade de se ler (e analisar) cartas particulares e diários de escritores pode auxiliar, por meio de lógicas intertextuais, na compreensão dos processos envolvidos na escrita, na criação da obra artística, bem como na decodificação de certos temas que nas cartas aparecem dramatizados ou reduzidos, e, justamente por isso, as cartas citadas nos romances e memórias pessoais da autora serão a partir de agora relacionadas, com o intuito de sempre buscar o inédito na obra de Zélia Gattai.

Após uma tentativa fracassada de acordo com o primeiro marido, Zélia não teve o aval legal para levar seu primogênito na mudança e foi obrigada a deixá-lo em São Paulo, sob os cuidados de Vera, sua irmã. A difícil conversa entre a escritora e sua mãe deixa claro que não havia outra opção para o momento:

Mais um assunto incomodava mamãe; de tão delicado, ela hesitava mencioná-lo. Por fim criou coragem:

– E o menino?

Ela tocara num ponto nevrálgico, ferida aberta. Referia-se a Luiz Carlos, meu filho de três anos.

Quando tudo parecia estar resolvido, quando me preparava para levar a criança comigo, apresentaram-me uma lei que proibia a permanência de meu filho a meu lado.

– Luiz Carlos vai ficar por enquanto com a Vera, a senhora sabe disso. Não posso fazer nada agora, mãe, estou de pés e mãos atados. (GATTAI, 2010a, p. 60).

O relato acima, sobre a mudança para o Rio de Janeiro e o afastamento do filho, faz parte da obra *Um chapéu para viagem*, lançado em 1982. Segunda publicação de Zélia, é

justamente nela que surge uma referência inicial, porém consistente, da importância das correspondências na construção das suas memórias afetivas. Na obra citada, Zélia Gattai inicia os relatos dos primeiros momentos de sua vida em comum com Jorge Amado. O casal, na época, morava em um sítio na baixada fluminense, batizado por eles de Peji de Oxóssi, e estavam à espera do primeiro filho dessa união, João Jorge.

A carta acima referida, a primeira mencionada nas obras, é recebida por Eulália Amado, ou Lalu, sogra de Zélia:

Lalu recebeu-me, naquela manhã, acenando-me com uma carta: — Carta de São Paulo, para você. João olhou o carimbo e disse que é de São Paulo. Estendeu-me o grosso envelope. Carta substanciosa, como costumavam ser as cartas de minha mãe, aquela chegava a deformar o envelope. Subscrita por José Soares, meu cunhado - reconheci a letra, mas a carta era mesmo de dona Angelina. Seis páginas grandes, escritas de ambos os lados, um verdadeiro diário, dando notícias da família e relatando fatos diversos com todos os detalhes. Comecei a ler [...]. (GATTAI, 2010b, p. 263).

A chegada da carta de D. Angelina provocou bastante comoção em Zélia. Grávida, ela ia cada vez menos ver a família que havia ficado em São Paulo: “[...] cada carta, com notícias de meu filho e de meu pessoal, provocava-me lágrimas incontroláveis” [...] (GATTAI, 2010b, p. 264). Apesar de gostar de cartas extensas (a citada aqui levou uma semana para ficar pronta) e ser muito cuidadosa em cada detalhe narrado, a mãe de Zélia tinha enorme dificuldade para escrever. Italiana e com pouquíssimo estudo, D. Angelina desconhecia regras ortográficas, sua caligrafia era ruim, mas nada a impedia de escrever para a filha. Essa primeira missiva trazia, dentre inúmeras outras, notícias do primogênito da autora: “[...] Luiz Carlos está um moleque forte, levado da breca. Você não precisa se preocupar, a Vera cuida muito dele [...]” (GATTAI, 2010b, p. 264).

Pouco tempo depois, em 1948, o Partido Comunista foi declarado ilegal. Jorge Amado perdeu seu mandato e teve que partir para a Europa, exilado. Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003, p. 46), afirma que o exílio nos força estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível vivê-lo. É uma fenda irremediável entre um ser humano e uma cidade natal, entre ele e sua verdadeira casa: sua tristeza essencial não pode ser superada. Embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais na vida de um exilado, nada mais são do que esforços para superar a dor paralisante da separação. As conquistas do exílio são prejudicadas permanentemente pela perda de algo que foi deixado para trás para sempre. Jorge Amado e, na sequência, Zélia Gattai foram obrigados a deixar tudo para trás. Não havia escolha. O escritor, declaradamente comunista, poderia ser preso a qualquer momento. Zélia, a anarquista, também corria sérios riscos – ou seja, acabou, depois de algum tempo, seguindo o marido, não somente para que permanecessem juntos, mas pelo risco que corria de também ser presa.

Os longos meses que separaram Jorge e Zélia só não foram piores devido às cartas que ele lhe enviava constantemente: “A primeira carta chegou mais rápido do que eu esperava. Fora posta no correio em Dakar, onde o Provence fizera escala. Jorge se referia aos bilhetinhos de amor que eu espalhara entre suas roupas ao arrumar as malas” (GATTAI, 2009b, p. 63).

Em *Senhora dona do baile* (2009), o assunto das cartas enviadas por Jorge é retomado. Sobre essa forma de escrever, Zélia relatava que nunca houve intenção por parte dela de conter o fluxo das memórias, mesmo que este não fosse linear. Seus relatos, segundo ela, não seguiam um fio lógico ou temporal, e, sim, obedeciam a um ordenamento interior, ditado pela memória e estabelecido durante o ato de escrita.

A carta mencionada trouxe, inclusive de forma mais completa, a alegria que Zélia sentia ao receber notícias de Jorge e como “embarcava” com ele pelos lugares citados:

Enquanto aguardava a hora de deixar o Brasil, as cartas de Jorge me ajudaram a suportar a solidão e as saudades. Às vezes elas tardavam, e eu, feito louca, ia à rua ao encontro do carteiro; às vezes chegavam duas e três ao mesmo tempo. A princípio Jorge falava em guerra fria, na preocupação causada pela ameaça da bomba atômica. Depois, percebendo evidentemente minha inquietação, passou a escrever menos sobre problemas políticos. Procurava distrair-me, contando sua vida em Paris, seu dia a dia, as coisas mais corriqueiras; enchia longas páginas que me enleavam e me transportavam para seu lado. [...] Acompanhando os passos de Jorge, eu compartilhava de seus programas em Paris. Com ele fui ao teatro de horror, *Le Grand-Guignol*, tremi de medo; deliciei-me com os *Frères Jacques*, no *Rose Rouge*. Em pleno verão carioca, cheguei a sentir frio ao ver a neve cair em Paris: "...acordei cedo e pela janela vi que caía neve... aos poucos a *rue Cujas* foi ficando branca... pena você não estar aqui comigo...[...]. A última carta de Jorge, ainda de Paris, anunciava sua partida para Roma. Viajaria com Scliar, estariam os dois à minha espera em Gênova. (GATTAI, 2010b, p. 78).

Na época da partida do companheiro, Zélia Gattai já tinha sido mãe novamente “[...] ao contrário do que podia supor, o nascimento de outro filho não me ajudara a atenuar as saudades do ausente. Pensava nele como sempre, com amor e saudades, imensas saudades novamente” (GATTAI, 2010b, p. 263). Como Jorge Amado teve que partir com urgência, sem local definido para ficar, ficou combinado que Zélia partiria em seguida, após o marido acertar pelo menos onde a família fixaria residência. Seu primogênito, Luiz Carlos, continuaria no Brasil, aos cuidados da tia materna. A hora da partida se aproximava e Zélia precisou reunir forças para se despedir do primogênito, distante da mãe há algum tempo, já que estavam morando em cidades diferentes, como já exposto. A dolorosa despedida rumo ao desconhecido foi relatada pela autora em *Senhora dona do baile*. Após a despedida, em 1948, Zélia só reviu o filho mais velho cinco anos depois, quando a família retornou ao Brasil, em 1952.

Agora, com a perspectiva de uma longa viagem, andava agoniada. Prevenida de minha chegada, Vera apareceu com o menino. Como estava crescendo! Tão diferente... — Vem dar um beijinho na mamãe... — balbuciei a custo. — Arredio, desconfiado, o menino olhava-me sem se aproximar. O que devia estar pensando? Não era difícil descobrir: "Que mãe mais chorona é essa? Não sabe fazer outra coisa senão chorar?... "Ele tinha razão; as circunstâncias faziam-me extremamente sensível, eu não conseguia me conter, não conseguia estancar as lágrimas que rolavam aos borbotões, desde que o vira chegar pela mão da tia. Apresentei-lhe o irmãozinho. Coisa que também não lhe fez massa. Depois, sem que eu o chamasse, foi se chegando. Já controlada, lhe contei histórias de bichos, de aviões e de viagens, que o fascinaram. Passamos juntos um dia inteiro, o único de que dispunha, em casa de Wanda, com minha mãe. Dia triste aquele de despedida; mamãe e minhas irmãs, aflitas com a minha situação [...]. (GATTAI, 2010b, p. 96).

Pouco tempo depois do narrado acima, Zélia partiu do Brasil levando consigo João Jorge, com poucos meses de vida. Era intenção da família fixar residência na Itália, mas a derrota da Frente Popular Italiana, partido de esquerda, mudou os planos do casal e eles optaram por viver na França. Permaneceram em Paris durante três anos e, durante esse período, as cartas recebidas por Zélia aplacavam um pouco a saudade do Brasil.

Fui direto à de Vera, a que me daria notícias de Luiz Carlos, meu filho. Minha boa irmã! Cuidava do menino com carinho e me tranquilizava: "Quanto a Luiz Carlos não se preocupe, ele está forte e bonito." [...] Ainda agora, quis saber para quem eu estava escrevendo e, quando soube que era para você, disse que ia mandar uma carta para a mãe dele. Ele está agora todo compenetrado rabiscando no papel que eu lhe dei." A folha estava ali, junto com a carta da tia. Um papel cheio de garatujas e seu nome, todo torto, escrito por ele mesmo. Vera se referia também à carta que eu mandara da Tchecoslováquia, com uma historinha que eu inventara para ele, ilustrada com

desenhos horríveis, já que desenhar nunca foi meu forte, mas que me custara esforço. "...Tua carta fez sucesso! Chegou bem no dia do aniversário dele, assim como você queria. Luiz Carlos me fez contar a história nem sei quantas vezes e, quando a Míriam chegou para a festinha, ele foi correndo mostrar a carta e repetiu a história, tintim por tintim, como se estivesse lendo. Convidei algumas crianças do prédio e o pessoal de Pinheiros. Mamãe, Wanda, Déa e Flávio vieram trazendo presentes. Logo que Luiz apagou as seis velinhas do bolo, eu dei um beijo nele por você..." Ao ler essa última frase não agüentei mais, saí correndo, me tranquei no banheiro para chorar. Jorge estava satisfeito e eu não queria que ele me visse chorando. (GATTAI, 2009b, p. 119).

Ao final do terceiro ano de exílio, a família foi obrigada a deixar o país, pois os comunistas não eram bem vistos pelo governo francês. Sem muitas escolhas e com pouco tempo, já que tiveram como prazo apenas quinze dias para deixar a França, mudaram-se para uma comunidade de escritores em Dobris, na Tchecoslováquia. É interessante comentar que, somente muito tempo depois desse episódio o casal pôde voltar à França, conforme explicitado no seguinte trecho: "Durante 16 anos, o nome de Jorge Amado figurou na lista negra, lista dos perigosos, em todas as fronteiras da França, proibido de entrar no país, impedido de caminhar pelas ruas de Paris, cidade de sua paixão". (GATTAI, 2009b, p. 3).

Na quarta obra de Zélia, *Jardim de inverno*, lançada em 1988, os relatos giram em torno da nova vida em um castelo de escritores em Dobris, e da saudade da família, do país e dos amigos que fizeram na França. Zélia e Jorge esperavam ansiosamente por correspondências para se manterem informados sobre o que acontecia no mundo, mas, com certeza, as cartas de família eram as mais esperadas.

Ansioso, Jorge aguardava carta de sua filha Lila, que ficara no Rio de Janeiro em companhia da mãe. Lila completaria 15 anos daí a um mês e ele lhe escrevera, convidando-a a passar a data conosco e ficar até o início das aulas, em março. Eu recebera carta de Vera, no momento de partir para a montanha, não esperava outra tão cedo. Era Vera quem me dava notícias de Luiz Carlos. Tia cuidadosa e irmã dedicada, permitia-me acompanhar os passos de meu filho, mesmo à distância. Apesar das boas notícias que me dava, suas cartas me provocavam sempre enxurradas de lágrimas. (GATTAI, 2011, p. 19).

Durante a permanência do casal em Dobris, Zélia ficou grávida novamente. A autora menciona em *Jardim de inverno* uma carta enviada por D. Angelina.

A última vez que recebera carta dela fora em julho, chegara no dia exato de meu aniversário. As cartas de mamãe eram raras e eu as adorava. Custava-lhe trabalho escrever, tomava-lhe tempo. Ela, coitada, não conseguira esconder sua preocupação com a filha, às vésperas de ter criança em país estranho, distante. Embora não fosse fácil, eu conseguia decifrar, já tinha prática, seu confuso português misturado com o italiano, a caligrafia irregular, e me deliciava com seu estilo descontraído e com a variedade de assuntos. Em suas cartas jamais faltavam comentários políticos, sua cachaça. Nesta última carta, ela tratava da sucessão presidencial, fato ocorrido havia meses: "Estamos aqui de novo com o Getúlio empoleirado no governo. O Dutra, *grazie a dio*, já deu o fora e já foi tarde. O povo, iludido, acreditou no Getúlio e votou nele. Todo mundo está achando que ele agora criou juízo, que vai ser um bom presidente, que vamos ter democracia, que isto, que mais aquilo... *Ci credi? Neanch'io!* Eu acho que quem foi ditador durante tantos anos, perseguindo, prendendo e matando gente, não pode deixar de ser uma bela bisca. (GATTAI, 2011, p. 70).

Apesar do pouquíssimo estudo, a mãe de Zélia era uma mulher extremante esclarecida. Politizada e dona de opiniões políticas fortes, Angelina Gattai gostava de ler os clássicos "subversivos" de escritores como Émile Zola, Castro Alves, Dante Alighieri, Victor Hugo, além de se dedicar à leitura de alguns ídolos anarquistas, como Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin. Na carta supracitada, a veia política da matriarca dos Gattai fala mais alto. Apesar de Zélia estar

fora do país, a mãe fez questão de relatar o que acontecia no Brasil comandado por Getúlio, justamente o responsável pelo exílio do casal Gattai Amado.

Além das cartas de D. Angelina, as missivas enviadas por Vera eram um alento para o coração da saudosa mãe: “[...] Vera era quem mais me escrevia, porém, suas cartas eram curtas. Ela se preocupava, sobretudo, em dar notícias de meu filho: “você nem queira saber como Luiz Carlos está sabido... Inteligente como ele só, grande, forte...[...]” (GATTAI, 2009a, p. 71).

Ainda em *Jardim de inverno*, Zélia Gattai relembra a triste notícia vinda do Brasil sobre Lila, primogênita de Jorge Amado. Pai e filha trocaram algumas cartas, nas quais a menina relatava que gostaria muito de ir visitá-los, porém teriam que esperar um pouco mais, já que a ela estava adoentada e o tio, Joelson, havia prescrito alguns exames. Na sequência, o escritor é comunicado, através de um telegrama, do falecimento da menina: “Naquela época, os meios de comunicação eram precários, telefonemas interurbanos eram quase impossíveis. “[...] não havia paciência que aturasse depender de um telefonema. O jeito era passar telegrama”. (GATTAI, 2011, p. 17).

[...] A carta de Lila dizia que, por motivo de saúde, era forçada a adiar a viagem. Que o pai não ficasse triste, ela viria para as férias de junho, sem falta. Joelson escrevera ao mesmo tempo ao irmão, tranquilizando-o, não havia nada demais com a saúde da menina. Apenas, como médico e tio zeloso, pedira uns exames, o que a impedia de viajar naquele momento. (GATTAI, 2009a, p. 33).

[...] Subimos direto para o salão. Estranhei ver a porta entreaberta, e, mesmo antes de entrar, pude divisar Jorge andando de um lado para outro, na mão um papel amarfanhado. Sem tomar conhecimento de nossa presença ali, ele continuava a andar, os olhos vermelhos, injetados, o rosto desfeito. Eu nunca vira Jorge assim! O que teria acontecido? Segurei-o pelo braço: “O que foi?...” Ele me fitou, tão triste... Sem dizer palavra, estendeu o telegrama que amassara na mão. Seu João Amado comunicava ao filho a morte da neta. Lila falecera. Sua doença, ao contrário do que nos haviam dito, fora grave.

Não entendendo nada do que se passava, João insistia em entregar a rosa ao pai: “Toma, pai, toma tua flor!” Jorge então segurou o filho nos braços, apertou-o contra o peito e chorou um pranto convulso e doloroso. (GATTAI, 2009a, p. 40).

Algum tempo depois da morte de Lila, a família voltou a morar no Brasil. Haviam sido cinco anos de exílio. Ao chegarem ao Rio de Janeiro, precisaram morar com os pais de Jorge Amado, em Copacabana. Embora o apartamento fosse amplo, havia muita gente nele, fato que só se agravou com a chegada dos Gattai Amado. Algum tempo depois, o casal conseguiu comprar o apartamento do andar de cima e, com a ajuda de uma escada em caracol, os interligou. Durante o tempo que estiveram no Rio, muitas correspondências de amigos famosos, conquistados pelo mundo, chegaram ao endereço da Av. Rodolfo Dantas: “O telegrama só tinha uma palavra: *camaronês*, sem assinatura. Nem era preciso; sabíamos de quem era o telegrama e do que tratava. Neruda ia chegar e recomendava que providenciássemos camarões dos graúdos, os *camarones* fritos com casca, que ele amava. (GATTAI, 2011, p. 106).

Embora apreciassem a vida na capital carioca, Jorge e Zélia resolveram se mudar para a Bahia. O filho do casal estava entrando na adolescência e a crescente violência do Rio de Janeiro já assustava.

Após muita procura, a casa finalmente foi encontrada, porém, a reforma foi longa. Para supervisionar pessoalmente a construção da casa do Rio Vermelho, Jorge Amado passou a ficar mais em Salvador e justamente as cartas enviadas pelo marido ajudavam Zélia a entender como as obras estavam caminhando:

Eu ficava no Rio, cuidando da casa, dos velhos e das crianças, colaborando com Jorge, conseguindo o que ele me pedia através das cartas e telegramas enviados diariamente, pondo-me a par dos acontecimentos:

Apenas 24 horas ou pouco mais e já te escrevo um pequeno relatório sobre os assuntos. [...] Agora, assunto por assunto, terrenos. Se já leste uma carta de Luís Henrique debes ter compreendido o motivo de meu telegrama de ontem, apenas cheguei. (GATTAI, 2011, p. 78).

A paz que Zélia sonhava encontrar ao sair do Rio realmente existia. Cercados de tranquilidade, os filhos do casal cresceram, casaram-se e a casa do Rio Vermelho ficou vazia. Tentando fugir do silêncio imposto pela ausência dos filhos, Jorge e Zélia passaram três meses morando nos Estados Unidos, a convite da *Penn State University*, na Pensilvânia. A Universidade ofereceu um curso aos alunos que estudavam Literatura Brasileira por meio das obras de Jorge Amado e recebeu o autor como professor visitante. Novamente, o casal se viu à espera das cartas, como pode ser constatado na seguinte passagem:

Estávamos ansiosos para chegar em Nova York onde, certamente, encontraríamos cartas de nossos filhos, notícias da Bahia. [...] Jorge dera a todos o endereço da Editora Knopf, que publicava seus livros, para o envio das cartas ou qualquer emergência. [...] Ao lado da *corbeille*, estava o que mais ansiávamos: várias cartas do Brasil [...]. (GATTAI, 2010a, p. 258).

Para Júlio Castañon Guimarães (2004, p. 36), “[...] no campo específico da produção literária, as cartas podem apresentar elementos que à primeira vista não mostram relação com essa produção [...]. No entanto, mesmo aí as interrelações podem vir a se revelar”. Uma carta, aparentemente simples e inocente, pode se transformar em fonte de informações inéditas e, principalmente, de grande relevância.

Considerações Finais

As cartas de Zélia aqui apontadas, em sua aparente simplicidade, apresentam-se como importantes fontes de informação histórica, pois trazem testemunhos de vários momentos cruciais que o mundo viveu, articulando fatos históricos, relato pessoal e memória emotiva. Para a pesquisadora Antonella Roscilli (2011, p. 65), Zélia Gattai se utilizou da magia da palavra e de seu coração para transmitir a outras pessoas suas histórias de vida, as quais também fazem parte da história da imigração italiana e da história do Brasil. [...]. Suas tribulações não são apenas privadas, mas adquirem sentido porque passam a fazer parte das vicissitudes universais. Zélia, segundo Roscilli (2011, p. 66), conseguiu construir uma operação quase mágica, introduzindo a sacralidade da oralidade no texto escrito, operando uma quebra no ato da escrita, permitindo que um elemento característico da oralidade chegue aos olhos, ouvidos e coração do leitor [...].

A análise de fragmentos da correspondência de Zélia presentes em algumas de suas obras buscou compreender um pouco mais sobre o universo literário da autora. Para Guimarães (2004, p. 38), o que se busca no diálogo entre as missivas e as memórias é a possibilidade de se entender a correspondência também como uma obra literária, em que se percebe, como uma importante característica, o diálogo possibilitado por meio da inter-relação entre as partes envolvidas na construção das missivas.

Definitivamente, a carta é muito mais repleta de significantes do que pode parecer a um olhar destreinado. Gênero híbrido, riquíssimo, as correspondências permitem estudos transdisciplinares entre, por exemplo, Literatura, História, Sociologia, o que faz das cartas não só um espaço de manifestação pessoal, mas também de pesquisa histórica. A carta, como uma

crônica íntima, permite que se entenda não só o que se passa com aquele que envia, mas com tudo que o cerca.

O exame dos trechos transcritos ao longo deste artigo permite concluir que a carta, muito mais que veículo de informação, é espaço privilegiado para discussões de toda ordem, inclusive sobre a sua própria construção discursiva. A inter-relação entre cartas e memória confirmou que as obras de Zélia Gattai extrapolam o simples contar de uma única vida e merecem, por mérito, múltiplos olhares, novas abordagens, divulgação e reverência.

Assim, compreende-se a razão que tem levado cada vez mais pesquisadores a análise da escrita epistolar como forma de desvendar as particularidades da criação literária. Nas palavras de Marcos Antonio de Moraes (2007, p. 31), o diálogo epistolar é, verdadeiramente, um “canteiro de obras”.

LETTERS AND MEMORIES IN ZÉLIA GATTAI'S LITERARY WORKS

ABSTRACT: Zélia Gattai, a prominent Brazilian author, had her life intertwined with letters. Born in São Paulo in 1916, she moved to other states, moved to other countries, stayed abroad for years and, upon returning, never went again to her place of birth, where most of her family still lived. It was precisely the letters that “shortened” such a distance. The present work aims to analyze letters cited by the author in her memorialist works, in order to promote a dialogue between received correspondence and Zélia's biography.

Keywords: Zélia Gattai. Letter. Memory.

REFERÊNCIAS

GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

GATTAI, Zélia. *A casa do Rio Vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

GATTAI, Zélia. *Chão de meninos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GATTAI, Zélia. *Jardim de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

GATTAI, Zélia. *Senhora dona do baile*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009c.

GATTAI, Zélia. *Um chapéu para viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

MORAES, Marcos Antonio de. *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna, 2005.

MORAES, Marcos Antonio de. Sobrescrito. *Teresa Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8/9, 2008. São Paulo: 34, 2008. p. 395-399.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007.

ROSCILLI, Antonella Rita. *Da palavra à imagem em Anarquistas graças a Deus de Zélia Gattai*. Salvador: EDUFBA, 2011. p.65.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 80-91.

Data de submissão: 31/05/2022.

Data de aceite: 08/08/2022.